

>> *Temática Especial*

As aulas de educação física como espaço de ensino-aprendizagem das lutas: uma experiência docente

Mariana Simões Pimentel Gomes*

Juliana Scarazzatto**

Débora Jaqueline Farias Fabiani***

Resumo:

Neste artigo, buscamos possibilitar reflexões e discussões acerca do ensino das lutas na escola, oferecendo subsídios teórico-práticos, que foram desenvolvidos baseados em uma experiência, materializada nas aulas de Educação Física (EF) do Ensino Fundamental I de uma escola particular. Nesta pesquisa, de natureza descritiva e propositiva, utilizamos as observações, os registros produzidos e posteriormente as análises feitas a partir desses registros, para organizar objetivos de aprendizagem, entrelaçados com as competências e habilidades da BNCC em um currículo “vivo”, que possa ser ensinado por qualquer professor de EF e não apenas por aqueles com formação em artes marciais e esportes de combate.

Palavras-chave:

Educação Física escolar. Lutas. Ensino.

The physical education classes as a place of teaching and learning of martial arts and combat sports: a teaching experience

Abstract: In this article, we seek to enable reflections and discussions about the teaching of martial arts and combat sports at school, offering theoretical and practical subsidies, which were developed based on an experience, materialized in Physical Education (PE) classes of the Elementary School at a private school. In this descriptive and propositional research, we used the observations, the produced records and the analyzes made from these records, to organize learning objectives, connected with the competences and abilities of the BNCC in a “live” curriculum, which can be taught by any PE teacher, not just those with a background in martial arts and combat sports.

* Doutora em Educação Física. Docente na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: marianaspg@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7014-872X>.

** Doutora em Educação. E-mail: jscarazzatto@hotmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6232-6060>.

*** Mestra em Educação Física. Professora da Divisão de Educação Infantil e Complementar da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: djffabiani@gmail.com. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-4550-9428>.

Keywords: Martial Arts. Combat Sports. Physical Education. Teaching.

Las clases de educación física como espacio de enseñanza-aprendizaje de las artes marciales y deportes de combate: una experiencia didáctica

Resumen: En este artículo, buscamos posibilitar reflexiones y discusiones sobre la enseñanza de las artes marciales y deportes de combate en la escuela, ofreciendo subsidios teóricos y prácticos, que fueron desarrollados a partir de una experiencia, materializada en las clases de Educación Física de la Enseñanza Fundamental I en una escuela privada. En esta investigación, de carácter descriptivo y propositivo, utilizamos las observaciones, los registros producidos y posteriormente los análisis realizados a partir de estos registros, para organizar objetivos de aprendizaje, entrelazados con las competencias y habilidades de la BNCC en un currículo “vivo”, que puede ser enseñado por cualquier instructor de educación física, no solo por aquellos con experiencia en artes marciales y deportes de combate.

Palabras-clave: Artes Marciales. Deportes de Combate. Educación Física Escolar. Enseñanza.

Introdução

O ensino das lutas, por tradição, é feito por mestres e professores faixas-preta que, em sua maioria, não têm formação em Educação Física (EF) (CIRINO, PEREIRA, SCAGLIA, 2013; GOMES *et al.*, 2010; GOMES, 2014; GOMES; FABIANI, 2021), aprendem técnicas da modalidade em suas academias e as transmitem para seus alunos tal como aprenderam, perpetuando práticas e rituais de esportes de combate específicos no contexto não formal.

Dentro da escola, porém, as lutas podem ganhar outras nuances que desatrem seu ensino dessa exigência técnica preconizada nas academias de lutas. Desta forma, independentemente de sua vivência pessoal com esse conteúdo, os professores poderiam tratá-lo como um saber próprio da cultura corporal, ou seja, sua apreensão, amplia a compreensão sobre o corpo e sobre o gesto, compactuando com os pressupostos curriculares da EF escolar.

Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) apresentem sugestões para o ensino das lutas nos currículos escolares, existe ainda uma falta de ferramentas e propostas concretas que possibilitem a organização e a materialização dos conteúdos teórico-práticos referentes a este saber. O que leva os professores responsáveis por compartilhar e construir este conhecimento a não se sentirem seguros ou confortáveis para ensiná-lo (AVELAR-ROSA, 2020; BECKER; HARNISCH; BORGES, 2021; GOMES *et al.*, 2010; GOMES, 2014; FONSECA; FRANCHINI; DEL VECCHIO, 2013; MATOS *et al.*, 2015; MENESES, 2020; RUFINO, 2016; SANTOS; BRANDÃO, 2018).

Estudos relatam as dificuldades e incômodos de professores de EF sem formação específica em lutas quando tentaram desenvolver essas práticas corporais no ambiente escolar. As queixas se relacionam à sua formação em artes marciais, ao espaço inadequado, à falta de materiais, entre outros (CARREIRO, 2005; DEL VECCHIO; FRANCHINI, 2006; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007; RUFINO; DARIDO, 2013; SO; BETTI, 2018; PEREIRA *et al.*, 2021; ALMEIDA, M. *et al.*, 2022).

A literatura por outro lado, tem apresentado trabalhos que trazem tanto a legitimação da presença das lutas na escola, quanto possibilidades de desenvolvimento do conteúdo que já apontam alguns caminhos, por meio de abordagens pedagógicas pautadas no jogo, no ensino pelo método global, que contempla aspectos histórico-culturais, técnico-táticos e socioeducativos das lutas, e também na valorização dos saberes dos estudantes (CIRINO; PEREIRA; SCAGLIA,

2013; RUFINO, 2012; PEREIRA *et al.*, 2015; SO *et al.*, 2020; GOMES; FABIANI, 2022; FABIANI; ZAMBELLI, 2021; PEREIRA *et al.*, 2021).

Nesse sentido, é imprescindível construir um currículo na escola, que valorize e contemple as lutas como forma de expressão corporal, produção social, que se materializa em práticas, com gestos, saberes e valores; que extrapola a dimensão meramente técnica de repetição mecânica dos movimentos específicos das lutas e potencializa os processos pedagógicos e a prática docente, de forma significativa.

Portanto, o objetivo deste artigo é possibilitar reflexões e discussões acerca do ensino das lutas na escola, oferecendo subsídios teórico-práticos, que foram construídos a partir de uma experiência real e concreta, materializada nas aulas de EF.

Pressupostos teóricos

Quem é “das lutas” pode falar com propriedade, da sua prática, mas também de uma relação com um “oponente/parceiro” bem peculiar, que costura força com respeito, vontade de ganhar e ser justo, reverência ao mestre, ou aos rituais, ao corpo do outro e ao limite do seu corpo próprio. As manifestações e produções culturais de cada luta quando em contato com cada lutador/aprendiz, se transformam e se disseminam numa floresta de sentidos. Falar das lutas é falar de profundezas e de sensações que só quem luta parece entender. Nesse sentido, democratizar o ensino para além das academias de luta é tentar oferecer aos sujeitos em vida escolar, alunos tão distintos, a oportunidade de sentir, experimentar/vivenciar e pensar a luta.

Quando pensamos na EF, somos levadas automaticamente às quadras. A quadra é um lugar para os alunos, repleto de memórias, afetos, desafetos e sentidos que são elaborados nesse jogo de aceites e recusas. Assim como é o tatame para os lutadores. Pensar lutas na escola, é encontrar para os alunos também um novo lugar, onde possam estabelecer vínculos afetivos e pedagógicos e criar memórias.

Para subsidiar a construção de uma proposta de ensino que fosse ao encontro do que pretendíamos, buscamos apoio em Gomes (2008) e Gomes *et al.* (2010), que preconizam um ensino baseado em princípios comuns das lutas, que podem ser transferíveis de uma modalidade para outra e possuem um saber único, próprio dessa prática, o “saber lutar” (TERRISSE, 1991).

Os princípios condicionais das lutas (contato proposital, regras, fusão ataque/defesa, oponente-alvo e imprevisibilidade), buscam trazer uma lógica comum e transferível para modalidades de combate, inspirados nos princípios operacionais dos esportes coletivos de Bayer (1995), para tornar possível uma abordagem genérica das lutas que não exija necessariamente do professor bagagem específica nesta área dentro da escola.

Contato proposital: para que as ações de uma luta se desenvolvam é necessário que os oponentes estabeleçam um contato intencional, para atingirem os objetivos daquele combate.

Oponente-alvo: nas lutas o alvo sempre está no oponente. Se os alvos são os próprios lutadores, o contato é o meio pelo qual deverão atingi-los.

Fusão ataque/defesa: é a possibilidade de se haver simultaneidade entre as ações de ataque e defesa dos lutadores.

Imprevisibilidade: condição devido à relação de interdependência entre os lutadores e principalmente à possibilidade de as ações ofensivas e defensivas serem simultâneas.

Regras: as lutas dependem das regras para sua legitimidade e elas devem ser respeitadas para que aconteça um combate. O que é permitido ou proibido tende a determinar as técnicas e

táticas usadas pelos lutadores. Além disso, é a presença das regras que pedagogicamente diferencia a luta de briga. (GOMES, 2008, p. 48).

Estes princípios comuns às modalidades de luta, amparados pelos grupos situacionais, entendidos como classificações de ações pela distância entre os oponentes – lutas de curta, média e longa distância ou pelo contato – lutas de contato contínuo, intermitente e mediado (GOMES, 2008; GOMES *et al.* 2010; GOMES, 2014), foram fundamentais para embasar a proposta de organização curricular que apresentaremos neste artigo.

Não obstante, neste trabalho ainda nos embasamos no conceito do “saber lutar”, que Terrisse (1991) considera emergir apenas em situações reais de luta, ou seja, que conservam todos os princípios condicionais. Esse saber expressa a lógica dos combates e seu jogo interno de perguntas e respostas que vai gerar a adaptação e a tomada de decisão dos lutadores.

Dessa forma, foi necessário olhar para as aulas de modo que o saber técnico, aquele referente ao “saber fazer”¹, relacionado à dimensão prática do gesto, estivesse entrelaçado ao “saber sobre o fazer” que diz respeito à compreensão do corpo, do gesto e do movimento em várias esferas sociais, entendendo-os como formas legítimas de conhecimentos que foram produzidos ao longo da história pela humanidade.

O entendimento dos elementos apresentados acima (princípios condicionais, grupos situacionais e “saber lutar”) pautou a construção do currículo de lutas desenvolvido durante a experiência descrita neste artigo. Na tentativa de dar materialidade para a proposta, partimos do princípio que ela deveria ser acessível para qualquer professor de EF da escola, permitindo que uma nova experiência fosse construída para/com os alunos, e que possibilitasse a compreensão do porquê fazer, em detrimento do como fazer (GRAÇA; OLIVEIRA, 1995).

Método

A presente pesquisa, qualitativa e do tipo descritiva exploratória (GIL, 2008), buscou possibilitar discussões e reflexões a partir da experiência que se materializou na escola: a construção de um “currículo vivo” para o ensino das lutas no Ensino Fundamental I. Desse modo, utilizamos os registros desenvolvidos pela primeira autora, sobre aulas de EF do Ensino Fundamental I de uma escola particular do Rio de Janeiro.

Na referida escola, o currículo da EF estava em construção e contemplava os temas da cultura corporal², bem como as competências e habilidades da BNCC. Esses conteúdos eram trabalhados em “unidades temáticas” divididas ao longo do ano, sendo que havia, em média, dez aulas (um mês e uma semana) para o conteúdo de lutas, com duas aulas semanais por série, para todos os anos.

Cada série, do 1º ao 5º ano, tinha em média 4 turmas de 25 alunos aproximadamente e as aulas eram dadas por uma equipe de 3 professores, sendo que apenas um deles tinha experiência prévia em praticar e ensinar lutas. Essa equipe planejava as aulas em conjunto e alimentava um documento com as atividades e reflexões sobre as aulas.

Durante três anos, os registros das aulas foram elaborados em uma planilha digital que apontava os objetivos que precisavam ser atingidos ao final da unidade temática de lutas e também ao final de cada aula para cada turma. Esses objetivos puderam ser reconfigurados em função dos desafios encontrados e também de sugestões e dúvidas dos alunos.

1 Bracht (1999, p. 48) afirma que a EF vive uma ambiguidade entre um “saber fazer” ou um saber que se realiza corporalmente e um “saber sobre esse fazer” que é de ordem conceitual.

2 Para o Coletivo de Autores, os temas da Cultura Corporal são expressos pelos jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica entre outros (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 38).

Ao final dos três anos revisitando este modelo, propusemos os objetivos de aprendizagem do currículo escolar para a unidade de lutas de cada série, entendendo que este é um documento vivo e que pode ser adaptado ou reescrito quando necessário.

Nessa forma de organização da experiência, buscamos compreender a aula como espaço privilegiado de encontro entre alunos, professora e conhecimento. Essa tríade caracteriza-se como cenário vivo de relações que se estabelecem na construção do saber. Nesse sentido, metodologicamente, a pesquisa buscou contemplar as observações que aconteceram no momento da aula, os registros produzidos e posteriormente as análises feitas a partir desses registros.

Para Vigotski (1998 p. 86) “o método é pré-requisito e também produto da pesquisa”. Assim sendo, acreditamos que a pesquisa feita no “calor” da aula extrapola os limites do planejamento feito de antemão. Ela contempla os objetivos de ensino prévios, mas também está pronta para recriá-los de maneira que aquilo que se mostra na prática e na interlocução com os alunos, se reconfigura no acontecer da própria aula.

Esses pressupostos foram fundamentais para a construção do que estamos chamando de “currículo vivo”. Essa forma de fazer pesquisa está intimamente ligada às condições de produção a que ela está submetida. Para nós importava o percurso, os caminhos de construção do currículo e consequentemente os delineamentos/contornos da pesquisa. Alunos, pesquisadoras, condições materiais, professores, superiores hierárquicos, o contexto, tudo isso compõe o cenário/lócus da pesquisa. Concordamos com Vigotski (1998), quando ele afirma que é preciso “buscar a essência para além da aparência”. O que se manifesta na “ponta da produção”, a aula em si, acontece num jogo de vai e vem em que planejar e replanejar é um exercício ininterrupto.

Portanto, na próxima seção apresentamos o currículo construído e um resumo das propostas desenvolvidas nas aulas de cada turma durante três anos.

Resultados e discussão

Em meio a interpretações e adaptações da BNCC, dos PCNs, de currículos de outros municípios como São Paulo e do contexto da escola, construímos um currículo com objetivos de aprendizagem que pudessem ser mensuráveis, pensando numa EF que gere autonomia e pensamento crítico dos alunos e seja diversa e inclusiva. Ao encontro do exposto, a BNCC compreende que:

Cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo. A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. (BRASIL, 2017, p. 214).

Entendemos que o planejamento compõe os registros de maneira viva e dinâmica. A aula como acontecimento é “espaço privilegiado de materialização da atividade docente” (SCARAZZATTO, 2019, p. 108). Essa materialização acontece em tempos distintos – antes, durante, e após a aula – entre sujeitos que se constituem por experiências distintas. O antes é o planejar, estabelecer metas, escolher imagens, textos, sons. Planejando, definimos objetivos a serem atingidos que são de ordem geral, aqueles estabelecidos a longo ou médio prazo, e aqueles específicos, que pretendemos atingir naquela aula. No planejar vislumbramos as feições dos alunos, seus aceites e recusas, temos a ilusão do controle (SCARAZZATTO, 2019, p. 108).

Para iniciarmos a construção do currículo, foi necessário fazer uma aproximação com os pares, equipe de professores que também estaria envolvida na realização das atividades. Nossa intenção foi possibilitar uma reflexão sobre a viabilidade das propostas, para que todos pudessem se ver parte da construção desse diálogo e assim, se sentissem seguros em protagonizar junto das crianças esses acontecimentos. Foi preciso estabelecer uma “rede de confiança” (SCARAZZATTO, 2019, p. 71) na equipe que realizaria o trabalho. Para tanto, compartilhamos e ouvimos as inseguranças e as possibilidades de realização e construção da proposta em questão.

Entre as principais preocupações dos professores, estava uma sensação de que as turmas eram muito numerosas e isso dificultaria a quebra de barreiras de contato – entre colegas e de gênero –, o respeito do corpo do outro e o entendimento dos limites e das potencialidades de todos os corpos. Nos questionamos sobre como a participação e o encontro do/com o outro constitui o nosso saber na luta.

Além disso, outro incômodo se relacionava a dois dos princípios condicionais especificamente – contato proposital e oponente-alvo. Em uma reunião pedagógica sobre o currículo, um dos professores fez um comentário sobre a atividade, dizendo que se o alvo está localizado no corpo do colega, e para atingi-lo eu preciso entrar em contato com ele, isso seria uma licença para comportamentos agressivos.

Desta forma, tivemos que olhar para cada princípio com a expectativa de explorá-lo, mas, ao mesmo tempo, cuidar para que os resultados daquelas experiências não extrapolassem os limites do corpo e da escola, que são muito diferentes da academia de esportes de combate, por exemplo.

Diante dessas questões, iniciamos a construção da proposta, que como dito anteriormente, estava aberta para que pudéssemos reconstruí-la a qualquer momento. Na esteira dos estudos propostos por Bakhtin (2003) compreendemos que o currículo se caracteriza como um tipo de enunciado, que é concreto e único e acontece num determinado tipo de atividade humana, nesse caso a organização de uma proposta de ensino. Para a construção desse documento foi necessário um tipo relativamente estável de enunciado, para que dessa forma conseguíssemos prosseguir a partir de algo materializado nesse documento.

a. Primeiro ano – Atividades de luta de contato mediado/longa distância: experimentação do implemento

Os alunos nessa série, recém-chegados ao Fundamental I, eram muito ativos fisicamente, o controle do próprio corpo e sua relação com o espaço foi um desafio. Eles chegavam ao tatame com muita energia e achando que ali era o momento de subir em cima do outro, agarrá-lo, tentavam subir as paredes e escalar janelas. Nosso objetivo inicial era abordar as lutas de curta distância, porém, após algumas tentativas frustradas, entendemos que ir pelo caminho da fantasia, controlando melhor a noção espacial e as possibilidades dos corpos no tatame seria mais adequado. Assim, optamos pelos jogos de luta de longa distância, para conseguir abordar os princípios condicionais, dando mais sentido à prática naquela faixa-etária.

Quadro 1 – Conteúdos e objetivos de aprendizagem do primeiro ano

	CONTEÚDO	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM
1º ANO Lutas	Atividades de luta com implemento	A. Experimentar jogos de oposição em pequenos grupos e em duplas, com e sem implemento.
		B. Reconhecer a necessidade de cumprimentar os colegas no início e término dos jogos de luta

Fonte: Elaborado pelas autoras.

- 1. Experimentar jogos de oposição em pequenos grupos e em duplas:** propusemos momentos onde desenvolvíamos a relação de combate, que Terrisse (1991) chamou de relação de força, e outros quando

exploramos situações mais cooperativas, cujo ataque e a defesa não eram simultâneos. Essa manipulação das regras dos jogos suscitou situações-problema diversas e, assim, os alunos podiam criar soluções adequadas e aprender com as respostas uns dos outros. Em outros momentos também sugerimos respostas prontas, porém abertas para (re)criação e adaptação de acordo com as potencialidades dos alunos. Exemplo: num jogo com espada de EVA onde a regra determinava tocar com as espadas nos ombros dos colegas, após experimentarem sozinhos as maneiras de atingir os objetivos, mostramos possibilidades mais fechadas – com o braço estendido, com uma perna à frente etc. Dessa forma, construímos um ambiente de aprendizagem, oferecendo possibilidades gestuais eficientes e eficazes.

2. Reconhecer a necessidade de cumprimentar os colegas no início e término dos jogos de luta:

Desde o primeiro dia no tatame, fizemos os combinados e estabelecemos as regras que deveriam ser cumpridas com disciplina e responsabilidade, para que todos cuidassem de si e dos colegas. Iniciávamos com a organização cautelosa dos sapatos do lado de fora do tatame e seguíamos com os rituais de cumprimentos (que inventamos juntos). Logo na primeira aula contamos uma história para explicar por que deixar os sapatos do lado de fora. Falamos sobre entrar “puros” e “limpos” de pensamentos e preocupações para nos conectarmos com a prática, cumprimentar o tatame nesse sentido, naquelas aulas, significava se comprometer a se concentrar e aproveitar ao máximo aquele momento. Em seguida, explicamos que reverenciar o(s) colega(s) que iam realizar a prática junto, seria oferecer o que há de melhor dentro de si para que a luta/jogo seja um momento de aprendizado e diversão. Fazíamos no início e ao final para agradecer ao outro a oportunidade de lutar, enfatizando mais um princípio condicional (oponente/alvo), pois sem oponente não há luta. As espadas de jornal e EVA encantaram os alunos e foram o “grande acerto” com o primeiro ano. Destrinchando esses dois objetivos de aprendizagem em outros menores, aula à aula, conseguimos desenvolver e explorar os gestos próprios das lutas na relação com o contexto em que elas aconteciam. Ao promovermos esse diálogo entre movimento e contexto ampliamos os sentidos acerca desta prática corporal. Ao longo da unidade os alunos puderam experimentar a lógica da luta, administrando a relação com o próprio corpo, o corpo do outro e com o implemento.

b. Segundo ano – Atividades de luta de contato mediado/longa distância: Iniciação à Esgrima

Os alunos desse período traziam desafios semelhantes no que se referia à energia e agitação corporal em aula, entretanto, podia-se perceber na grande maioria das turmas um pouco mais de maturidade em relação aos comportamentos dentro do tatame e ao entendimento das propostas. Iniciamos com o princípio condicional mais importante na compreensão da diferença entre luta e briga: as regras. Exploramos regras diversas em situações com e sem oposição. Fizemos jogos de luta coletivos, porém ainda controlando a distância, e decidimos manter o contato mediado como principal conteúdo, uma vez que os alunos ainda estavam na fase de encantamento com espadas. A discussão sobre outros saberes tanto de caráter socioemocionais, quanto aqueles que conferem sentido à prática da luta, permeavam as aulas e os registros sobre elas.

Quadro 2 – Conteúdos e objetivos de aprendizagem do segundo ano

	CONTEÚDO	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM
2º ANO Lutas	Atividades de luta de contato mediado/longa distância: Iniciação à Esgrima	A. Experimentar jogos de luta em pé com ataque e defesa simultâneos
		B. Utilizar o implemento com segurança nos jogos de luta

Fonte: Elaborado pelas autoras.

1. **Experimentar jogos de luta em pé com ataque e defesa simultâneos:** Esse objetivo buscou enfatizar os deslocamentos em pé, coordenando braços e pernas e o implemento nas mãos. Usamos as espadas de EVA e garrafas de plástico pequenas, que confeccionamos na escola e propusemos jogos coletivos

e em duplas, priorizando o ataque e a defesa simultâneos, mas explorando também os outros princípios condicionais. Adaptamos jogos tradicionais e um exemplo foi o “pique bandeira” humano; em que os alunos deviam proteger um rei/rainha que ficava numa área isolada, e para chegar na área precisavam invadir o campo do outro, cada um com sua espada, mas se fossem tocados no tronco – como na esgrima –, ficariam congelados. Assim, fomos recriando jogos coletivos que trouxessem além da lógica da luta com implemento, alguns elementos da esgrima. Escolhemos três regras básicas da esgrima – deslocamento em linha reta, tocar no tronco (exceto cabeça) e não tocar as costas – e desenvolvemos aspectos técnico-táticos. Os alunos foram percebendo as melhores maneiras de se locomover quando estavam de frente para o oponente e entendendo que a técnica do toque dependia da distância do outro. A postura e a atitude com a espada na mão também foi se desenvolvendo à medida que se familiarizavam com a localização do alvo.

2. **Utilizar o implemento com segurança nos jogos de luta:** este segundo objetivo de aprendizagem visava estimular os alunos a terem responsabilidade na utilização do implemento. Enquanto no primeiro ano o uso das espadas era mais livre e as regras permitiam mais possibilidades, nesta série quisemos direcionar as atividades para o ensino da esgrima e os rituais e procedimentos ao segurar e manipular a espada. Percebíamos que os alunos estavam atingindo este objetivo quando pegavam a espada na mão e conseguiam esperar as orientações da atividade, sem bater com o objeto nos colegas, por exemplo.

c. Terceiro ano – Atividades de luta de contato contínuo/curta distância

O terceiro ano tinha uma característica muito corporal e uma necessidade de toque a todo momento, apresentavam muito mais controle do corpo que as séries anteriores, mas as brincadeiras de luta no chão eram muito presentes logo que entravam no tatame. A partir desta percepção e da definição dos objetivos de aprendizagem dos 1º e 2º anos, decidimos abordar as lutas de curta distância e contato contínuo. Nosso primeiro desafio foi naturalizar esse contato, mostrando que ele era necessário para que as lutas acontecessem, porém ele tinha contornos que deviam ser respeitados. Propusemos jogos cooperativos que exploravam o contato com o corpo do outro e também o reconhecimento do seu próprio peso e dos colegas, assim, quando chegavam nos combates “um-à-um”, podiam se adaptar a diferentes problemas.

A BNCC, por sua vez, inicia a abordagem das lutas por essa série, e para o terceiro, quarto e quinto anos sugere práticas do contexto regional e comunitário, bem como lutas de matriz indígena e africana. Após a leitura da reflexão de Betti (2018), acerca da última versão da BNCC, compartilhamos da opinião de que a categorização das “brincadeiras e jogos”, “lutas” e “danças”, de acordo com a região geográfica ou cultural, reduz e encaixota lógicas gestuais mais abrangentes. Dessa forma, olhamos para estes objetivos de aprendizagem e optamos por propor jogos de luta que tivessem início no solo e que fossem transferíveis para o aprendizado de outras modalidades de curta distância que também englobam práticas comunitárias ou de matriz africana e indígena.

Quadro 3 – Conteúdos e objetivos de aprendizagem do terceiro ano

3º Ano	Objetivos de aprendizagem	Referência BNCC
Conteúdo: Atividades de luta de contato contínuo/curta distância	A. Romper as barreiras de contato presentes na hora de lutar, respeitando os limites do corpo do outro	(EF35EF13) ³
	B. Experimentar jogos de luta no chão com ataque e defesa simultâneos	(EF35EF14) ⁴

Fonte: Elaborado pelas autoras.

3 “(EF35EF13) Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas presentes no contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana” (BRASIL, 2017).

4 “(EF35EF14) Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana experimentadas, respeitando o colega como oponente e as normas de segurança” (BRASIL, 2017).

- 1. Romper as barreiras de contato presentes na hora de lutar, respeitando os limites do corpo do outro:** iniciamos o módulo com atividades que explorassem o contato com o chão (tatame), mãos, joelhos, rastejar, rolar e aos poucos incluímos jogos de oposição, manipulando as regras para chegar no momento de luta “um-à-um”. Quando perguntávamos quem já tinha feito alguma luta ou quem gostava de algum esporte de combate, o judô e o jiu jitsu eram os mais populares, mas alguns alunos disseram que tinham medo de lutar e se machucar, medo de cair. Por isso, enfatizamos as ações no solo nesse primeiro momento. O principal era fazer com que alguns perdessem o medo do contato no chão com o colega e outros administrassem a vontade de agarrar os colegas, respeitando as regras e os limites do corpo.
- 2. Experimentar jogos de luta no chão com ataque e defesa simultâneos:** depois de normalizado o contato, os jogos de luta coletivos sempre fizeram parte das aulas. Começamos a prática com atividades de combate entre dois grandes grupos e fomos reduzindo os times até chegar no “um-à-um”. A ideia sempre foi colocar alvos no corpo dos colegas, que pudessem ser retirados pelo outro. Exemplos: cordas na cintura, paninhos amarrados nos punhos ou tornozelos, meias nos pés, segurar bolas. Assim fizemos as primeiras experiências com os princípios condicionais no solo, antes de chegar a personificar o alvo – pedindo que fizessem o colega encostar o “bumbum” no chão, ou manter as costas do outro no chão por 10 segundos, por exemplo. Ao final da unidade, os alunos eram capazes de lutar “um-à-um”, com segurança, desenvolvendo ações de ataque e defesa simultâneos, bem como imobilizações e conexões de ações de luta no solo, transferíveis para o jiu jitsu, judô, *wrestling*, huka-huka, sumô, dentre outras modalidades de combate.

d. Quarto ano – Atividades de luta de contato contínuo/curta distância

Nesse momento, as crianças possuem maior experiência e repertório gesto-corporal e também apresentam mais autonomia na escola. Embora ainda oscilem entre a empolgação dos primeiro-anistas e a responsabilidade pretensiosa que os quarto-anistas supõem assumir. Eles tinham um forte desejo para chegar na unidade de lutas e perguntavam muitas vezes qual seria a modalidade que aprenderíamos. Existia muita necessidade em nomear o que seria aprendido nas aulas. Então, apesar do objetivo de aprendizagem ser mais genérico, prezando pela lógica interna das atividades, decidimos dizer que aprenderíamos jiu-jitsu e judô, mas conheceríamos outras lutas, dentre elas uma de matriz indígena.

Quadro 4 – Conteúdos e objetivos de aprendizagem do quarto ano

4º Ano	Objetivos de aprendizagem	Referência BNCC
Conteúdo: Atividades de luta de contato contínuo/curta distância	A. Experimentar maneiras de distribuir seu próprio peso nos jogos de luta	(EF35EF13)
	B. Explorar formas de desequilíbrio em diferentes direções	(EF35EF14)
	C. Desenvolver a queda de frente e de costas com segurança	(EF35EF15)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

- 1. Experimentar maneiras de distribuir seu próprio peso nos jogos de luta:** um dos grandes entendimentos que os jogos de luta trazem é de que todos os corpos, com suas diferenças, têm potenciais latentes a serem explorados e desenvolvidos. Durante a prática, os alunos tiveram a possibilidade de perceber quando podem usar suas características físicas e pessoais para obter êxito em alguma atividade. Nas lutas de contato contínuo no solo, desenvolver a consciência do seu próprio peso corporal é tão importante quanto desenvolver equilíbrio em pé. Com estes alunos, propusemos jogos de imobilização, em que o objetivo era segurar o outro com as costas no chão por um período curto de tempo ou excluir o oponente de uma área determinada. Mudávamos de parceiros até todos experimentarem a luta com todos, podendo assim, perceber as diferenças de peso e uso/distribuição desse peso na hora de lutar. Ao vivenciarem essa forma de luta, foi possível destacar outro aspecto de ordem sócio ideológica que não havia sido previsto inicialmente, a riqueza da aula que está acontecendo

e a preparação para a próxima de forma contínua, está em seu redimensionamento, que acontece no encontro com os alunos (FONTANA, 2000). Percebemos que a potencialidade dos corpos pode estar justamente naquilo que inicialmente era visto como fragilidade ou impossibilidade. Os corpos mais “pesados” destacavam-se por seu potencial de imobilizar o corpo do outro. Os mais leves, ora eram mais ágeis para escapar. Portanto, compreender seu corpo na relação com o corpo do outro, tornou-se fundamental para discutirmos qual é o corpo que luta e sobretudo, evidenciarmos que essa é uma prática possível, especialmente quando trabalhada em suas múltiplas dimensões.

2. **Explorar formas de desequilíbrio em diferentes direções:** para atingir este objetivo de aprendizagem propusemos jogos em duplas, um de frente para o outro, com pés paralelos, um pé à frente do outro, ou de costas um para o outro e pedimos para que tentassem fazer o colega sair da sua base inicial, ora usando as mãos, os braços, o tronco, ora tocando, ora agarrando. Assim eles podiam perceber que apenas empurrar não era suficiente e usar a força/energia do colega ao seu favor podia ser uma alternativa. Além disso, nas rodas de conversa, as diferentes direções do desequilíbrio surgiram. Inicialmente, quando essa pergunta foi feita (“Para quais direções você pode deslocar o colega?”) As primeiras respostas foram “frente e trás”, após as atividades e as diversas trocas de parceiro, os alunos perceberam as diagonais (lados do corpo) e seus sentidos (empurrando e puxando). Com os diferentes oponentes eles puderam empregar diferentes maneiras de desequilibrar, se o parceiro era mais leve, mais pesado, mais alto, mais baixo etc. As características do oponente geraram uma adaptação tática dos alunos. Além do judô e do jiu-jitsu, identificados no início da unidade, apontamos para características do sumô e huka-huka, distinguindo suas origens e idiosincrasias.
3. **Desenvolver a queda de frente e de costas com segurança:** quando trabalhamos os desequilíbrios, há uma tendência de os alunos caírem no chão. Como tínhamos em média 25 alunos, precisamos dividi-los em dois grupos para que pudessem vivenciar maneiras de cair com segurança, batendo os braços no chão, amortecendo a queda de costas e protegendo a cabeça. Nosso objetivo neste momento não foi explorar diversas quedas, mas com base nas nossas atividades de desequilíbrio, partindo do chão e progredindo para a posição em pé, exploramos as quedas que mais faziam sentido. Na nossa equipe havia dois professores que não conheciam as quedas, então discutimos, assistimos vídeos juntos sobre como ensinar quedas básicas na iniciação e adaptamos à nossa realidade na escola. Em nosso contexto tínhamos um tatame, que apesar de pequeno para os 25 alunos, era confortável para cair com segurança.

e. Quinto ano – Atividades de luta de média distância/contato intermitente

Como última série do Ensino Fundamental I, os quinto-anistas, que já haviam vivenciado a unidade de lutas nos dois anos anteriores, chegaram com uma maturidade interessante no tatame, organizavam seus calçados do lado de fora, sentavam-se em roda à espera dos professores e quando solicitados recorriam a seu conhecimento prévio para dialogar com as propostas da aula. O currículo trazia o conteúdo de média distância e contato intermitente de modo genérico, sem especificar em nenhuma modalidade. Como a maioria das modalidades de média distância tem em seu repertório socos e chutes, optamos por uma diversidade de materiais para chegar próximo desses movimentos com segurança. Além disso, discutimos sobre os diversos sentidos possíveis atribuídos ao soco e ao chute. O que significa para o sujeito que luta desferir um desses movimentos contra seu parceiro/adversário? Ao refletirmos sobre a presença desses movimentos nas lutas, no “como” e no “quando” eles ocorrem, deslocamos nosso olhar para uma compreensão que nomeia e dá outro sentido para a referida prática. Quem luta com quem? Em que condições esses gestos são produzidos? Quem aceita ou recusa o convite para a luta? Essas e tantas outras perguntas foram compondo cenários em que meu corpo e o corpo do outro são marcados e significados em relações sociais singulares (SCARAZZATO, 2019). Ao darmos sentido para esses movimentos,

os transformamos em gestos, assim como afirma Smolka (2010, p. 115) “é na transformação do movimento em gesto que se esboça a possibilidade de emergência de muitos e diferentes sentidos”.

Quadro 5 – Conteúdos e objetivos de aprendizagem do quinto ano

5º Ano	Objetivos de aprendizagem	Referência BNCC
Conteúdo: Atividades de luta de média distância/contato intermitente	A. Identificar a história, códigos, vestimentas e contexto cultural de lutas de média distância	(EF35EF14)
	B. Comparar as lutas de curta, média e longa distância, destacando pontos comuns e divergentes	(EF35EF15)
	C. Experimentar o toque com as mãos e pés em atividades de oposição de média distância	(EF35EF16) ⁵

Fonte: Elaborado pelas autoras.

- 1. Identificar a história, códigos, vestimentas e contexto cultural de lutas de média distância:** iniciamos a unidade pedindo que os alunos elencassem modalidades de luta que tivessem características comuns, desde técnicas, vestimentas, regras ou códigos de conduta gerais. Fomos agrupando essas práticas por suas semelhanças. Usamos o quadro, dividimos os alunos em grupos e deixamos que fossem escrevendo, conversando e descobrindo as novas práticas. Entramos mais a fundo nas lutas de média distância, discutindo o contato intermitente e realizando algumas atividades dos três tipos de contato para que notassem as especificidades e a lógica do “toque”. Debatesmos práticas de diferentes origens, tais como Coreia (Taekwondo), Japão (Karatê), Tailândia (Muay Thai), Inglaterra (Boxe), Brasil (Capoeira). Construimos e partilhamos saberes que estavam relacionados ao fazer e ao saber sobre o fazer proposto por Bracht (1999).
- 2. Comparar as lutas de curta, média e longa distância, destacando pontos comuns e divergentes:** este objetivo caminhou ao lado do objetivo acima, entretanto demos a ele um cunho mais prático e em atividades de média distância que exploravam o toque – com mãos, braços, pernas, pés – usamos materiais como pregadores para um puxar da roupa do outro num espaço determinado, ou fitinhas de pano que eram colocadas em diferentes partes do corpo, mini cones que deviam ser derrubados, com as mãos, ou pés, bexigas e após as atividades perguntávamos o que deveria ser modificado no jogo para que aquele jogo se transformasse numa luta de curta ou longa distância.
- 3. Experimentar o toque com as mãos e pés dentro de atividades de oposição de média distância:** havia por parte da coordenação e dos professores que estavam ensinando lutas na escola pela primeira vez a insegurança de dar aos alunos a oportunidade de experimentar socos e chutes. Por isso, antes de chegarmos nesta parte da unidade debatemos muito os sentidos e significados desses gestos. Na prática iniciamos com as bexigas, deixando que experimentassem socos e chutes variados individualmente, progredimos para atividades coletivas com campos de batalha onde precisavam se livrar das bexigas do seu campo, com chutes e socos nelas. Construimos um grande saco de pancadas com bexigas unidas num cacho e todos tiveram a oportunidade de vivenciar esses gestos. Em duplas com as bexigas amarradas em barbantes – ora mais longos, ora mais curtos – eles deveriam tocar ou até estourar as do oponente, dependendo da regra do dia. Fomos ajustando juntos as regras e conforme os desejos de experimentar um novo movimento apareciam, discutíamos como preservar a integridade de todos para colocar as ideias em prática.

Esta proposta de currículo, construída e apresentada reflete os “acontecimentos” das aulas desenvolvidas, materializada nos encontros, investigações e reflexões entre professora e alunos. Desse modo, para cada nível escolar as lutas manifestaram delineamentos, concretudes e signi-

⁵ “(EF67EF16) Identificar as características (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária, materiais, instalações, instituições) das lutas do Brasil” (BRASIL, 2017).

ficados que potencializaram a co-construção dos gestos e conhecimentos acerca desse fenômeno pelas crianças, com base nos princípios condicionais e grupos situacionais das lutas. Portanto, as possibilidades pedagógicas apresentadas refletem a práxis e o processo de ensino-aprendizagem que propiciou a vivência de uma luta “da” escola, evidenciando que o “saber lutar” é produzido na apropriação ativa das práticas combativas e na relação significativa entre alunos, professora e conhecimento.

Considerações finais

Considerando a carência de textos que discutam experiências e propostas concretas sobre o ensino das lutas na escola, este artigo buscou, a partir da construção de um currículo, possibilitar reflexões e discussões acerca do ensino das lutas, oferecendo subsídios teórico-práticos, que foram desenvolvidos baseados em uma experiência em aulas de EF.

Tentamos demonstrar, por meio dos registros, sugestões de como as lutas podem ser ensinadas na EF escolar, por qualquer professor da área e não apenas aqueles com formação em artes marciais e esportes de combate. Buscamos abordar uma luta “da” escola, diferente da luta formal da academia, experiência esta que resgatou nos alunos saberes prévios, costurados aos saberes que emergiram da aula.

O embasamento nos princípios condicionais e grupos situacionais nos permitiu olhar para a lógica e dinâmica interna da luta, e esse processo suscitou a elaboração de diferentes gestos para resolver os problemas tanto dos combates, quanto das aulas. A cada ano esses saberes foram retomados e ampliados, possibilitando nesse movimento a apropriação de novos elementos e signos próprios das artes marciais, assim como a compreensão da sua essência e de um saber único, próprio da luta, produzido apenas no momento dela, o “saber lutar” (TERRISSE *et al.*, 1995; GOMES, 2014).

A sistematização dos objetivos de aprendizagem, entrelaçada com as competências e habilidades da BNCC visou oferecer alguma estabilidade, previsibilidade e organização para aulas, porém, ao olharmos para os sentidos que essas práticas produzem, procuramos transcender os limites da organização político pedagógica do documento, não no sentido de negá-lo, mas sim a fim de atribuir outras formas de significar essa prática corporal, extrapolando os limites que regionalizam o “saber lutar”.

Referências

- AVELAR-ROSA, B. *Construção de conhecimento em iniciação às artes marciais e desportos de combate: Organização da atividade conjunta no desenvolvimento do saber lutar*. 2020. 817 f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Universitat de Girona, Girona, Espanha, 2020.
- ALMEIDA, M. O. *et al.* A prática pedagógica com as Lutas na Educação Física: um retrato da formação e da realidade de ensino de professores do ensino médio do Distrito Federal. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Brasília, DF, v. 44, e20220076, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/h645GSsYPZ9myxBKvB5s3Fn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 18 jan. 2023.
- BAKHITIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRACHT, V. *Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Unijuí, 1999.
- BETTI, M. A versão final da base nacional comum curricular da educação física (ensino fundamental): menos virtudes, os mesmos defeitos. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, São Paulo, ano 4, v. 1,

jul. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329244831_A_VERSION_FINAL_DA_BASE_NACIONAL_COMUM_CURRICULAR_DA_EDUCACAO_FISICA_ENSINO_FUNDAMENTAL_menos_virtudes_os_mesmos defeitos. Acesso: 20 jan. 2023.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*: Educação é a base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso: 20 jan. 2023.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Educação Física, 3º e 4º ciclos. Brasília, DF: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

CARREIRO, E. A. Lutas. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. *Educação Física na escola*: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 244-251.

CIRINO, C.; PEREIRA, M. P.; SCAGLIA, A. *A sistematização dos conteúdos das lutas para o ensino fundamental*: uma proposta de ensino pautada nos jogos. Revista Mineira de Educação Física, Viçosa, Edição Especial, n. 9, p. 221-227, 2013.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DEL VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo da Educação Física. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. *Formação profissional em Educação Física*: estudos e pesquisas. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 99-108.

FABIANI, D. J. F.; ZAMBELLI, R. M. de O. Navegando no mundo da luta: possibilidades pedagógicas em diferentes contextos educativos. *Cenas Educacionais*, Caetité, v. 4, n. e12144, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/12144>. Acesso: 18 jan. 2023.

FONSECA, Joel Maurício Corrêa; FRANCHINI, Emerson; DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo. Conhecimento Declarativo de Docentes Sobre A Prática de Lutas, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate nas Aulas de Educação Física Escolar em Pelotas, Rio Grande Do Sul. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 16, n. 2, jul. 2013.

FONTANA, Roseli A. Cação. A constituição social da subjetividade: Notas sobre a Central do Brasil. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano 21, n. 71, 2000.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, M. S. P. *Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas*: contextos e possibilidades. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GOMES, M. S. P. *et al.* Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 207-227, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/9743>. Acesso: 10 jan. 2023.

GOMES, M. S. P. *O ensino do saber lutar na universidade*: estudo da didática clínica nas lutas e esportes de combate. 2014. 183 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2014.

GOMES, M.; FABIANI, D. Martial Arts Applied at School as Physical Education: Creating a Learner Centered Environment. Quality Martial Arts Education. *ICM Insight*, Coreia do Sul, v. 5, p. 33-40, 2022. Disponível em: http://unescoicm.org/eng/library/bookreport.php?ptype=view&idx=8115&page=1&code=bookreport_eng. Acesso: 15 jan. 2023.

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (ed.). *O ensino dos jogos desportivos*. 2. ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

MATOS, Joel Arlem Beltrão de *et al.* A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. *Conexões*, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 117, jun. 2015.

MENESES, R. *Prática de Lutas na Educação Física Escolar: Concepção Curricular e a Voz de Alunos do Ensino Fundamental I*. 2020. 77 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

NASCIMENTO, P. R. B. do; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física escolar: restrições e possibilidades. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 91-110, set./dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3567>. Acesso: 20 jan. 2023.

PEREIRA, M. P. V. C. *et al.* A contribuição da pedagogia do jogo para o ensino das lutas na Educação física escolar. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DOS JOGOS DESPORTIVOS, 5., 2015, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: EEEFTO/UFGM, 2015.

PEREIRA, M. P. V. de C. *et al.* Fight at school: teaching strategies of physical education teachers. *Journal of Physical Education*, Maringá, v. 32, n. 1, e-3226, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/48569/751375151915> Acesso: 18 jan. 2021.

RUFINO, L. G. B. *A pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades*: Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Possíveis diálogos entre a Educação Física Escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. *Conexões*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 144-170, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637635>. Acesso: 20 out. 2021.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. As lutas no contexto escolar e outros ambientes educacionais. *RBPFEEX: Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, São Paulo, v. 11, n. 63, p. 914-916, nov. 2016.

SANTOS, Marcio Antonio Raiol dos; BRANDÃO, Pedro Paulo Souza. Lutas e a formação de professores de educação física: reflexos na atuação profissional de docentes da rede municipal de educação de Belém - PA. *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 79-87, 2018.

SCARAZZATTO, J. *Marcas da formação inicial na singularização do trabalho docente: um estudo na perspectiva dialógica bakhtiniana*. 2019. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

SMOLKA, A. L. B. Ensinar e significar: as relações de ensino em questão ou das (não)coincidências nas relações de ensino. In: NOGUEIRA, A. L. N.; SMOLKA, A. L. B. (org.). *Questões de desenvolvimento humano: práticas e sentidos*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

SO, M. R.; BETTI, M. Sentido, mobilização e aprendizagem: as relações dos alunos com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 555- 568, abr./jun., 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/70995>. Acesso: 10 jan. 2023.

SO, M. R. *et al.* Jogo e lúdico no conteúdo lutas em aulas de educação física escolar. *Educación Física y Ciencia*, Buenos Aires, v. 22, n. 2, e125, 2020. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/111094>. Acesso: 20 jan. 2023.

TERRISSE, A. Pour un enseignement dialectique du combat. *Revue E.P.S.*, Paris, n. 229, Juin 1991.

TERRISSE, A. *et al.* Le savoir combattre: essai d'élucidation. *Revue E.P.S.*, Paris, n. 252, 1995.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Data de submissão: 01/02/2023

Data de aceite: 29/03/2023